

## Recensão

### ‘Paseo Astral’

MARIA SEQUEIRA MENDES

(ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA,  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA)



*Paseo Astral*. Max. Barcelona: La Cúpula Cómics,  
2013. 56 pp.

No mundo estratificado das artes plásticas, a banda desenhada raramente sobe ao Olimpo. Este ano, contudo, Max foi convidado a desenhar um livro que apresentou no stand do *El País*, na Feira Internacional de Arte Contemporânea ARCO. Ilustrador, designer e criador de banda desenhada, Max tem uma obra considerável, com 18 livros publicados em Espanha,

nos EUA e em França, entre outros países, ilustrações de capas da revista *New Yorker*, discos e obras de animação, tendo-lhe sido atribuído o Ignatz Award (1999) e o Prémio do Festival de Comics de Barcelona (2000), entre outros.

O livro de Max, *Paseo Astral*, ocupa o espaço físico do *stand* do *El País*, sem procurar, todavia, nele intervir. Contrariamente ao que sucede em instalações de arte contemporânea, este livro não pretende ser uma obra tridimensional, nem transformar a nossa percepção do espaço. No fundo, não ambiciona, como uma instalação, ser *site-specific*, mas sim ser aquilo a que poderíamos chamar, talvez, *time-specific*, ou seja, evocar um determinado período temporal – assinalado pela data do jornal – e agir sobre ele. Max sobrepõe assim duas narrativas, comentando de modo não ilustrativo a edição de *El País*, de 2 de Janeiro de 2013. As páginas do jornal surgem recortadas, desenhadas ou rasgadas, narrando-se por cima a história principal, que expõe o percurso de um artista à procura das suas musas. Tanto a narrativa como o desenho são deliberadamente simples, acentuando-se na página o branco e o preto, acompanhados unicamente pela cor do jornal.

O autor recorreu a dois estratagemas para criar o seu objecto *time-specific*. Por um lado, interpela a realidade sinalizada por *El País* de modo a destacar um dia particular e o tempo passou desde a publicação do jornal. Por outro, recorre à citação como modo de evocação de um passado que foi importante para o artista, i.e., ao percurso de leituras que o leva a chegar até este momento. O período temporal do jornal é invocado, por exemplo, através do modo como o artista percebe no diário um drama fiscal, caindo pela página da Economia, ou quando, na página em que se descreve a ajuda externa da Troika, a personagem faz um pacto com o Diabo, perdendo, como Peter Schlemil, a sua sombra.

A angústia da influência é sinalizada na busca de musas pelo herói. Sublinha-se a subida íngreme que leva o artista ao Olimpo, na qual surgem as páginas de cultura recortadas num panteão. Nelas não se lê, todavia, nada. Assim se evoca o classicismo do mundo da arte contemporânea, onde o herói não encontra interlocutores, vislumbrando apenas um espaço vazio. O Olimpo contrasta, portanto, com uma das páginas mais

interessantes do livro, aquela em que a personagem conversa com o jornal, observando a ilustração de El Roto (uma voz importante do *cartoon* europeu) e afirmando que talvez consiga libertar-se da sua viagem se imitar o mestre. Ao contrário do que sucede nas páginas de cultura, o *cartoon*, tantas vezes considerado um género menor, é aqui capaz de interpelar os leitores. Cabe assim a El Roto fazer aquilo que o herói de Max e as artes plásticas não conseguiram, ou seja, fazer os leitores reflectir criticamente sobre o mundo num determinado dia através da forma plástica do desenho.

Não é raro que, em entrevistas, Max comente o modo como as artes plásticas consideram a ilustração, o *cartoon* e a banda desenhada, géneros menores. Esta perspectiva surge caracterizada num outro comentário sobre arte, quando o herói crê não necessitar de ninguém, mas é agarrado por Deus que afirma: “¿Saliéndote de la viñeta, ¿eh, mequetrefe?” De referir que o quadrado desenhado pelo artista corresponde à vinheta tradicional de banda desenhada, no livro temporariamente negada por páginas que constituem desenhos de corpo inteiro. A figura de Deus, na sua crítica ao herói que procura sair da vinheta de BD, impõe ao artista o papel que lhe é tradicionalmente atribuído, colocando-o novamente dentro daquilo a que em português se chamam popularmente livros aos quadrinhos.

A rejeição da distinção entre aquilo a que tradicionalmente se chama cultura erudita e popular é visível no livro de Max quando o autor alude em simultâneo ao surrealismo de Dali e de Buñuel, a Max Ernst, a Kafka, a Carlo Collodi ou a Shakespeare, ou à figura do protagonista de um só olho que cita os álbuns do grupo de rock experimental *The Residents* (fazendo-nos questionar se, nas guardas do livro, o artista se encontra a conversar com a caveira que surge frequentemente nos álbuns desta banda ou com Yorick). Por outro lado, o início de *Paseo Astral* lembra propositadamente a obra de Winsor McCay e os sonhos de *Little Nemo in Slumberland*, qualificando-se uma das características do livro, e da obra de Max, a citação no desenho de nomes importantes da banda desenhada

enquanto forma temporal de construção da narrativa e de homenagem a autores importantes.

Numa obra que parece não conter mais do que uma sucessão de clichés – o artista, a procura de inspiração, a Musa – surge um projecto em que Max engloba o conjunto de preocupações no tempo que têm caracterizado o seu trabalho: o que é arte, qual o seu papel na sociedade, como reunir influências díspares, qual a importância do surrealismo e a de se ser catalão (não é por acaso que o quadrado para onde o protagonista foge surge nas páginas sobre as regiões autónomas).

*Paseo Astral* é deliberadamente uma obra datada (até porque 2 de Janeiro de 2013 assinala o dia que serve de inspiração ao percurso). Aquilo que Max propôs, e que os visitantes do Arco viram, consiste numa ideia de livro parecida com algumas concepções de instalação em arte contemporânea, na qual o artista transporta as suas preocupações para um espaço. A diferença, neste caso, consiste no facto de o relevante não ser a ocupação de um lugar, mas sim de um tempo, i.e., a obra é *time-specific*, assinalado por uma data, à qual é atribuída um passado feito de referências múltiplas e um futuro que se constituirá nas obras que darão continuidade a esta instalação. E, se assim for, talvez 2 de Janeiro de 2014 se torne, por direito próprio, Max's day.